Teorias de ASL latentes em minha visão sobre o ensino de língua inglesa

Ana Gabriela Ferreira Barbosa (PROVIC), gah_barbosa@hotmail.com
Elaine Ferreira do Vale Borges (Orientadora), elainefvb@uepg.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Área de conhecimento do CNPq: Linguística, Letras e Artes
Subárea de conhecimento do CNPq: Linguística Aplicada

Palavras-chave: teorias de aquisição de segunda língua, docência, língua inglesa.

Resumo
Nesse projeto, foi realizado um estudo sobre as principais teorias de aquisição de segunda língua (ASL) (behaviorismo, conexionista, gramática universal, aculturação, *input*, *output*, interação e sociocultural) objetivando compreendê-las na visão de ensino de língua inglesa (LI) da acadêmica-pesquisadora (AP). A pesquisa foi desenvolvida via às respostas (e reflexão desse processo) da AP a um questionário de dez perguntas em Pica (1994) que, por sua vez, discute a visão de professores de segunda língua (L2) sobre as teorias de ASL nas visões de ensino de L2 dos professores em respostas ao mesmo questionário. Para o desenvolvimento da pesquisa, a AP, primeiro, respondeu ao questionário; depois, leu e estudou as teorias de ASL, para; ao final, comparar suas respostas aos comentários das respostas dos professores de L2 na pesquisa de Pica. Como resultado, foi possível traçar uma reflexão crítica pessoal sobre o ensino de LI da AP, visualizando de forma mais fácil a emergência das teorias de ASL estudadas.

Introdução

Larsen-Freeman & Long (1991) observam que há pelo menos 40 teorias de ASL e que esse número vem crescendo ao longo dos tempos. As teorias são divididas em três grupos: ambientalistas (behaviorismo, conexionismo e aculturação), nativistas (gramática universal e *input* ou compreensão) e as interacionistas (interação, *output* e sociocultural).

Nas teorias ambientalistas temos o *Behaviorismo, sendo* Skinner um dos precursores. Nela entende-se que o "comportamento é adquirido por meio de estímulos do ambiente e respostas do aprendiz, ignorando a existência de qualquer mecanismo interno de aquisição de linguagem" (BAPTISTA, 2000, p. 09). Nessa perspectiva o aprendizado seria por meio de repetições, tornando-se algo automático e habitual ao aprendiz. O *Conexionismo* não foca a propensão genética para ASL, pois entende a ASL como "o processamento e a repetição de experiências que levam ao fortalecimento das conexões neurais" (BAPTISTA, 2000, p. 20). Na *Aculturação*, a ASL ocorre pela "a integração social e psicológica do aprendiz com a língua-alvo do grupo" (BAPTISTA, 2000, p.12).

A *Gramática Universal* é uma teoria nativista e tem como precursor Chomsky que vê a língua como "um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos" (BAPTISTA, 2000, p. 10). Segundo Chomsky, "os seres humanos são biologicamente dotados de uma faculdade da linguagem, que é responsável pelo estágio inicial do desenvolvimento da linguagem – a gramática universal" (BAPTISTA, 2000, p. 10). Na *hipótese do input*,

Krashen dispõe o que segue: a) a aquisição é inconsciente (exposição ao idioma), fruto de processos mentais que transformam o *input* compreensível em estruturas gramaticais inconscientes, em uma ordem previsível; e a aprendizagem é consciente, um monitor (editor da produção linguística); b) o filtro afetivo (alta ansiedade) impede que o *input* alcance as partes do cérebro responsáveis pela aquisição. Nessa hipótese, a ASL é vista de forma linear e previsível em que se estabelece uma relação de causa/efeito entre o *input* e o que o aprendiz adquire inconscientemente no seu dia-a-dia e isso se dá através de estímulos sutis, tais como músicas, seriados, filmes, conversas na rua e qualquer outra influência do idioma que o indivíduo possa receber sem parecer um aprendizado forçado.

A *hipótese do Output* ou *Lingualização* de Swain é interacionistas. Ela prega que o *output* é parte do processo de aprendizagem e que basta o *input* ser compreensível. O *output* tem três funções: observação (*noticing*), testagem de hipóteses e reflexão sobre a linguagem (metalinguagem). Para a autora, *input* e *output* devem acorrer juntos: além dos estímulos que o aprendiz recebe (*input*), ele deve testar-se e pode modificar o *output*. Hatch é a precursora da *hipótese da Interação.* Segundo ela, o *input* não vem primeiro que a interação, como afirmou Krashen. Assim, a autora prega que "aprendemos primeiro a conversar para então interagir verbalmente, e as estruturas linguísticas seriam adquiridas nesse processo" (BAPTISTA, 2000, p. 15). Em nossa visão, essa hipótese força o aluno a sair de sua zona de conforto para arriscar-se a falar o máximo possível o que pode proporcionar que as estruturas linguísticas sejam construídas com o passar do tempo. Por fim, a *teoria Sociocultural* baseia-se em Vygotsky. Nela "a ASL é um processo socialmente mediado" (BAPTISTA, 2000, p.17). Segundo Vygotsky "a língua é uma ferramenta do pensamento e da ação, e a mente é formada socialmente, pois o homem é moldado pela cultura que ele mesmo cria" (BAPTISTA, 2000, p. 16-17). De acordo com essa concepção, é impossível separar o individual do social para que haja a ASL. Nessa perspectiva devemos entender dois conceitos: a) Zona próxima ao desenvolvimento (ZPD): uma metáfora que representa a distância entre o que o aprendiz pode fazer sozinho e um nível próximo que ele atingiria com a ajuda de alguém mais experiente com o idioma; b) andaime: a ajuda que o aprendiz recebe durante seu processo de ASL e que o permite realizar uma tarefa que (provavelmente) ele não seria capaz de realizar sozinho.

Materiais e Métodos

Sendo o objetivo primordial desse estudo, compreender as principais teorias de ASL e fazer uma comparação reflexiva entre as respostas da AP e as dos professores no artigo de PICA (1994) que, por sua vez, discute o ensino de língua pela perspectiva das teorias de ASL. Esta pesquisa, essencialmente bibliográfica, seguiu os seguintes passos: a AP (a), sem ler o artigo de Pica (1994), respondeu o questionário de dez perguntas (no artigo) sobre o ensino L2; (b) leu e estudou oito teorias de ASL (behaviorismo, conexionista, gramática universal, aculturação, *input*, *output*, interação e sociocultural); (c) leu o artigo de Pica (1994), comparando suas respostas às relatadas pelos professores que fizeram parte do estudo de Pica respondendo ao mesmo questionário; d) concentrou-se em sua visão de ensino de LI como professora, comparando as suas respostas aos comentários das respostas dos professores de L2 discutidas na pesquisa de Pica (1994). Dessa forma, foi possível traçar uma reflexão pessoal sobre o ensino de LI da AP, visualizando de forma mais fácil a emergência das teorias de ASL estudadas.

Resultados e Discussão

Como resultado desta pesquisa, apresentamos, a seguir, as principais teorias de ASL (em negrito) estudadas que emergiram nas reflexões da análise comparativa entre: (1) as ponderações de Pica (1994) – sobre as respostas dos professores de L2 (PL2, doravante) ao questionário – e; (2) as respostas da AP ao mesmo questionário. Exporemos, também, as perguntas em Pica que geraram as reflexões.

1) *In what ways does knowing one language help or hinder the learning of a L2?*

As respostas a essa pergunta, enfatizaram o **conexionismo**, ao destacar a **análise contrastiva** e o **associacionismo**. De modo que ambas as respostas (da AP e dos PL2) destacam a importância de o indivíduo fazer uso de conhecimentos prévios e conexões para adquirir o novo conhecimento.

2) *Which is more helpful to L2 learning: comprehension or production?*

Nas respostas da AP e dos PL2 houve a ênfase na importância tanto de compreensão quanto de produção, destacando-se as **hipóteses do *input*** e **do *output***, de forma que AP e os PL2 acreditam ser importante para a ASL tanto o *input* que os alunos recebem quanto o *output* que produzem.

3) *Should students drill and practice new structures?*

Na resposta da AP, ela não repudiou a **teoria behaviorista** e suas repetições. Por outro lado, ela acredita que há momentos em que essa teoria seja completamente desnecessária. Nas respostas dos PL2 há estudiosos que concordam com a AP, porém há outros que não abrem mão da teoria behaviorista e suas repetições como centro de sua aula.

4) *How effective is group work as an aid to L2 learning?*

A emergência da **teoria sociocultural** apareceu nas respostas a essa pergunta, de modo que ambos, AP e PL2, acreditam na importância da mediação por pares e na interação com outros falantes da língua.

5) *What can be done to encourage participation among students who seldom ask questions or initiate interaction?*

Nas respostas pudemos perceber aspectos da **teoria da interação**. Ambos, AP e PL2, reconhecem a importância de respeitar o aluno e até mesmo o seu período de silêncio. Concordam também que o aluno deve ser sempre estimulado à fala.

6) *How much attention should be given to explicit grammar instruction?*

Houve um acordo nas respostas da AP e dos PL2 que, de forma geral, não podemos nos focar no **behaviorismo**, o qual prega que se ensine a língua e não sobre a língua, ou seja, no behaviorismo é ensinado a gramática e não a cultura. Porém, não podemos destacar essa teoria, pois, em alguns momentos, ela tem um efeito positivo e é até mesmo necessária.

7) *To what extent does correction of error assist L2 learning?*

Nas respostas a essa pergunta, enfatizou-se que o aluno deve entender que está sendo corrigido, mas não de forma que se sinta repreendido. O erro é uma das formas de se aprender a nova língua, ou seja, é um caminho e uma ferramenta de aprendizagem. O que se coloca aqui nos remete a **hipótese do *output***.

8) *How necessary to learning another language is the learner´s cultural integration?*

Aqui, a AP se mostrou adepta da **teoria da aculturação**, destacando que há certos fatores sociais que podem promover ou inibir o contato entre dois grupos sociais de línguas

diferentes e afetar seu grau de aculturação. A AP concordou com o artigo de Pica (1994) que, muitas vezes, fica difícil distinguir se a aculturação influenciou ou não a aprendizagem, porque, muitas vezes a aculturação e a aprendizagem, em sala de aula, andam juntas, tornando difícil distinguir uma da outra.

9) *Why do some students have less accurate pronunciation than others, and what can be done about this?*
A **teoria da Gramática Universal** emergiu nas respostas a essa questão. Segundo essa teoria, o adulto não consegue atingir a mesma fluência na L2 que tem na L1.

10) *What can be done for L2 learners who seem to have reached a plateau in their learning?*
A **teoria sociocultural** aparece quando AP sublinhou que o aluno deve ser sempre estimulado, justamente para conseguir modificar sua interlíngua e desenvolver a L2, corroborando com as respostas dos PL2.

Conclusões

A partir dos estudos realizados nesta pesquisa, podemos concluir que as teorias de ASL são de extrema importância para um professor de língua adicional, uma vez que elas, implícita ou explicitamente, emergem na visão de ensino de línguas e/ou nas ações em sala de aula. No desenvolvimento deste trabalho, por exemplo, a AP, em um estudo reflexivo, conseguiu enxergar as oito teorias de ASL (behaviorismo, conexionista, gramática universal, aculturação, *input*, *output*, interação e sociocultural) em sua visão de como se ensina e se aprende uma L2, entendendo como todas as teorias estão presentes no fazer docente. Estudos como este podem proporcionar aos professores pré-serviço (e em serviço) uma atenção maior em relação às metodologias que podem ser usadas em sala de aula e ajudar a transformar a própria formação docente.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Elaine Ferreira do Vale Borges, pela oportunidade de ser sua orientanda e por toda sua dedicação e paciência ao longo dessa jornada de estudos e ensinamentos que tivemos.

Referências

BAPTISTA, L. M. T. R. Teorias linguísticas e aquisição e aprendizagem de línguas. *Todas as Letras*, n. 2, p. 77-85, 2000.

BORGES, E. F. V.; PAVA, V. L. M. O. Por uma abordagem complexa de ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*, v. 14, n. 2, p. 337-56, 2011.

LARSEN-FREEMAN, D; LONG, M .H. *An introduction to second language research*. London, New York: Longman, 1991.

PAIVA, V. L. M. O. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PAIVA, V. L. M. O. Como se aprende outra língua. In: *Ensino de língua inglesa no ensino médio: teoria e prática*, São Paulo: SM, 2012, p. 8-23.

PICA, T. Questions from the language classroom: research perspectives. *TESOL Quarterly*, vol. 28, n. 1, Spring, 1994.